

DESAFIOS A FORMAÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Palavras-Chave: Pessoas com deficiência, Ensino Superior, Acessibilidade

Autores(as):

Débora Ramalho Santos – Faculdade de Enfermagem

Prof^(a). Dr^(a). Dalvani Marques (orientadora) - Faculdade de Enfermagem

INTRODUÇÃO

A Lei N° 13.146/2015 conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, dispõe que pessoa com deficiência é “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”⁽¹⁾.

Ao longo da história as pessoas com deficiência foram vistas como inválidas, degeneradas, monstros e anormais. O conceito de anormal é visto até os dias de hoje, a partir da narrativa biomédica, onde um corpo que foge à normalidade é diagnosticado como deficiente ou patológico, sendo assim não é visto apenas como algo diferente, mas como algo que precisa ser corrigido⁽²⁾. Deste conceito tem-se que os esforços eram mais voltados ao cuidado e conserto desses corpos diferentes, do que a efetiva inserção ou reinserção dessas pessoas ao meio social. A autonomia da pessoa com deficiência deve ser reconhecida em sua amplitude, e respeitados, entre tantos direitos, o direito à educação e ao trabalho. Direitos estes respaldados pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência de 2015⁽¹⁾.

Em 2016 foi sancionada a Lei N°13.409 que garante a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino⁽³⁾. “A inclusão tem sido significada pelos pesquisadores da área e em políticas públicas mais recentes, como a promoção de condições de acesso e permanência em igualdade de condições, especialmente sob o prisma da promoção da acessibilidade⁽⁴⁾.”

A inclusão da pessoa com deficiência na universidade permite que as instituições possam repensar o currículo do curso e as práticas, beneficiando tanto os alunos quanto os professores⁽⁵⁾. Contudo, apesar dos docentes terem uma percepção favorável quanto ao processo de inclusão, os mesmos reconheceram que sua formação é incipiente, com atitudes falhas, levando-os a se sentirem despreparados e inseguros,

elencando as principais barreiras para a inclusão como a formação profissional precária, as barreiras arquitetônicas e as atitudinais⁽⁶⁾.

Diante desse contexto, com destaque a vivência da pessoa com deficiência no ensino superior e no mercado de trabalho, me questiono, por ser uma pessoa com deficiência e acadêmica de enfermagem, quais os desafios e perspectivas das pessoas com deficiência que como eu decidiram entrar na área da saúde? Considerando que ao ampliar o foco de que a pessoa com deficiência não necessita apenas ser assistida e amparada, mas, também, deve ter garantido condições para exercerem o protagonismo no ambiente de trabalho e acadêmico, permitindo papel ativo na assistência à população.

O objetivo do estudo foi compreender a realidade enfrentada por graduandos com deficiência que atuam na área da saúde no Brasil, identificando os desafios e as perspectivas de pessoas com deficiência durante a graduação de cursos da área da saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, utilizando-se para a coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas. As pesquisas qualitativas consideram a subjetividade “como parte integrante da singularidade do fenômeno social”⁽⁷⁾.

Os sujeitos foram indivíduos que se reconhecem com deficiência e são graduandos ou graduados de cursos da área da saúde no Brasil. Os critérios de inclusão foram graduandos ou graduados com deficiência física ou visual, maiores de 18 anos.

O método de seleção dos sujeitos do estudo foi pela técnica da Bola de Neve. O primeiro contato foi feito através das mídias sociais e as entrevistas ocorreram em momento escolhido pelos participantes, via plataforma Google meet. Um roteiro foi utilizado, com base nas questões disparadoras: Qual sua deficiência? Como a adquiriu? Relate vivências do seu cotidiano como um graduando da área de saúde com deficiência? A instituição de ensino estava preparada para recebê-lo? Comente sobre isso. Quais dificuldades/desafios durante a graduação? Como você acredita que os outros discentes e os docentes lidam com o tema deficiência?

As entrevistas foram gravadas, somente em áudio, e transcritas. Os dados foram analisados através da Análise Temática⁽⁷⁾. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Universidade Estadual de Campinas. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

Foram entrevistados sete graduandos e graduados de cursos da área da saúde que apresentam deficiência física ou visual, com tempos diferentes de formação, alguns já formados e outros no processo de formação. Estudam ou estudaram em instituições de ensino superior públicas ou privadas, com ensino presencial ou semipresencial, de diferentes estados brasileiros. (Quadro 1).

Quadro 1- Descrição dos participantes. Campinas, SP, 2024.

Participante	Idade	Gênero	Curso	Formação	Deficiência	Estado
E1	25	Masculino	Fonoaudiologia	2019	Visual	SP
E2	33	Feminino	Enfermagem	2014	Física	SP
E3	28	Feminino	Enfermagem	2021	Visual	BA
E4	43	Feminino	Nutrição	Cursando o 2º ano	Física	RJ
E5	27	Feminino	Psicologia	2021	Física	SP
E6	37	Feminino	Enfermagem	2011	Física	SP
E7	24	Feminino	Medicina	Cursando o 5º ano	Física	PR

Após análise das entrevistas foram definidas três categorias: Acessibilidade, Importância da capacitação de docentes e Relação dos alunos com deficiência com os demais colegas de curso.

Acessibilidade

Os entrevistados relataram suas dificuldades no decorrer do curso, principalmente em relação à acessibilidade arquitetônica, tanto em instituições de ensino superior públicas quanto privadas. As barreiras arquitetônicas percebidas impactam mais os alunos com deficiência com maior grau de limitações, comparado a alunos com deficiências menos limitantes. Alguns entrevistados expuseram, que em algumas atividades, como provas, para conseguirem realizá-la com acessibilidade eram separados dos demais colegas, levando-os a se sentirem sendo segregados.

“Logo quando eu entrei, tipo, eu tinha aula em um local que tinha escada, então tinham que me subir no colo pra eu poder assistir, até hoje, tipo, têm locais que tem aula que precisam me subir no colo, porque não tem elevador [...] inclusive provas, tipo, assim, eu ficava indignada, tipo, todo mundo faz a prova lá em cima, eu tinha que fazer lá embaixo sozinha, nunca aceitei, tipo, desde o primeiro período o meu amigo me pega no colo e senta eu na mesa lá em cima com todo mundo. Mas tipo, eu nunca aceitei, eu sempre falei “eu estou lutando pela inclusão, não pela segregação, então ninguém vai me separar”.”(E7)

Importância da capacitação de docentes

O professor capacitado para lidar com o aluno com deficiência influencia de forma positiva o processo formativo do aluno, assim como, o professor não capacitado traz experiências negativas durante a formação. Identifica-se desafios e questionamentos de professores quanto ao ensino desses alunos, ainda mais por se tratar de cursos da área da saúde, em que o aluno tem contato na prática com pacientes.

“No começo foi um choque né, pra eles eu acho, “Nossa entrou um aluno cego na universidade o que vamos fazer com isso?”, “Como eu vou ensinar embriologia pra ele?” enfim, “Como é que nós vamos fazer pra ensinar?”. Teve um professor que foi um dos que mais me auxiliou, que teve que fazer uma adaptação, assim, fez com massinha de modelar. Então, cada professor tinha que fazer uma adaptação. Lógico que essas professoras

especialistas em deficiência visual do curso de graduação em fono, elas tiveram um papel fundamental, porque elas fizeram aulas com eles, pra que esses professores tivessem essa capacitação também.” (E1)

Relação dos alunos com deficiência com os demais colegas de curso

Todos os entrevistados apresentaram relatos que evidenciaram a importância da relação com os colegas de curso. Trouxeram que a relação era tranquila, com ajuda, apoio e acolhimento. Um dos entrevistados, porém trouxe que apesar da boa relação, acredita que os colegas não apresentam um olhar atento quanto ao tema da deficiência e que há falta de disciplinas durante a graduação que abordem o tema da inclusão.

“Ah, os colegas, eu acho que a maioria era tranquilo assim também, mas eu sentia que eles eram muito alienados ainda sobre a pauta da deficiência, sabe?![...] tanto que assim, quando aconteceu essa reforma que tirou o espaço né, de um espaço que antes tinha acessibilidade, embora fosse uma acessibilidade precária, tornou-a de fato inacessível, assim eu sentia que as pessoas não percebiam, que era muito ignorância ainda, sabe?! Em relação à acessibilidade, dá importância da acessibilidade, e assim, eu sentia também que tinham poucas matérias no curso que falavam sobre inclusão né, que é um tema super importante.”(E5)

DISCUSSÃO

Em 2022, segundo o Inep, existiam 79.262 alunos com deficiência matriculados no ensino superior no país, apresentando em sua maioria deficiência física e visual⁽⁸⁾. Apesar do crescimento no número de estudantes com deficiência em cursos de ensino superior no Brasil nos últimos anos, a acessibilidade ainda caminha a passos lentos para ser de fato incorporada e oferecida em todos os espaços. A falta de acessibilidade plena, não só leva a pessoa com deficiência a situações de risco a sua saúde física e mental pelas situações em que é exposta, mas também culminam muitas das vezes em uma segregação explícita.

A inclusão da pessoa com deficiência no ensino superior apresenta desafios ao próprio aluno e também para a instituição que o recebe, que precisa garantir totais condições para garantir uma formação completa. O professor apresenta um dos papéis mais importantes e relevantes no processo formativo de um estudante com deficiência. Entretanto, a maioria dos docentes ainda pouco conhecem sobre o assunto, e também desconhecem apoios e ações à inclusão da instituição, principalmente para o processo de ensino e aprendizagem desses alunos⁽⁶⁾. Apesar de ainda não ser uma realidade na maioria dos lugares, instituições de ensino que apresentam um núcleo de acessibilidade e apoio ao aluno, conseguem apesar dos desafios proporcionar aos professores apoio e capacitação, e permitem ao estudante vivenciar uma formação mais digna.

A relação entre os estudantes com deficiência e seus colegas se mostra positiva, com trocas importantes entre eles. Os demais alunos procuram ajudar quando necessário seus colegas com deficiência, bem como acolher e respeitar. Entretanto, é imprescindível que ocorra oferta de disciplinas

que abordem o tema da pessoa com deficiência durante o processo de formação desses alunos, já que essas disciplinas são raras ou inexistentes na matriz curricular dos cursos.

Pensar em uma acessibilidade de fato eficiente, em professores capacitados, em adaptação curricular que proporcione uma formação de excelência às pessoas com deficiência, é proporcionar a equidade no contexto formativo deste aluno, pois quando uma pessoa com deficiência é impedida de estar em um convívio social por falta de acessibilidade ou de recursos, quem perde não é apenas ela, mas toda uma comunidade, perde por não poder escutar, não poder olhar, perceber e aprender com as diferenças que o outro traz.

CONCLUSÕES

A partir desse estudo foi possível verificar que a inclusão no ensino superior de pessoas com deficiência ainda é um desafio para as instituições de ensino, que apresentam falhas tanto na acessibilidade, que muitas das vezes não são ofertadas de maneira correta ao estudante com deficiência, quanto na falta de docentes capacitados para auxiliá-los no percurso de formação. Espera-se que mais discussões e reflexões sobre o tema sejam realizadas, e que esse cenário se modifique para que haja uma verdadeira inclusão respeitando seus direitos e trazendo dignidade a estes sujeitos.

BIBLIOGRAFIA

- 1- Brasil, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015.
- 2- Gaudenzi P, Ortega F. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2016 [acesso em: 15 abr 2022].21(10).
- 3- Brasil, Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília, 2016.
- 4- Almeida JGA, Ferreira EL. Sentidos da inclusão de alunos com deficiência na educação superior: olhares a partir da Universidade Federal de Juiz de Fora. *Psicologia Escolar e Educacional* [online]. 2018 [acesso em: 15 abr 2022]. 22, n.spe, 67-75. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2018/047>
- 5- Moriña A, Orozco I. Facilitating the retention and success of students with disabilities in health sciences: Experiences and recommendations by nursing faculty members. *Nurse Education Practice* [online]. 2020 [acesso em: 30 abr 2022] <https://doi.org/10.1016/j.nepr.2020.102902>.
- 6- Almeida I, Bortolini R, Garla FOD, Poker, Valentim. Inclusão no ensino superior: a percepção de docentes de uma instituição pública do interior do estado de São Paulo. *Psicologia Escolar e Educacional* [online]. 2018, v. 22, n. spe [Acessado 22 Julho 2024], pp. 127-134.
- 7- Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª Ed. São Paulo; Hucitec – Abrasco, 2014.
- 8- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Censo da Educação Superior. 2022. <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior> >.